

“VISIO”, DE MACHADO DE ASSIS: UMA POÉTICA DE TRANSIÇÃO
“VISIO”, BY MACHADO DE ASSIS: A POETIC OF TRANSITION

Sandro PONCIANO¹

RESUMO: Este artigo propõe-se a demonstrar pontos de contato entre o poema “Visio” – da obra *Crisálidas*, de Machado de Assis – e o Romantismo. A importância do trabalho também se revela pela carência de estudos da obra poética machadiana, já que sua obra em prosa tenha despertado maior interesse ao longo dos tempos. O poema aqui discutido oferece meios para entendermos aspectos relevantes da obra em verso de Machado.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis; poesia; Romantismo; transição.

ABSTRACT: This article aims to show points of contact between the poem “Visio” – of the work *Crisálidas*, by Machado de Assis – and Romanticism. The importance of the article also reveals the lack of studies of Machados’s poetry, because his prosework has aroused more interest over time. The poem discussed here provides a means to understand relevant aspects of Machados’s work in verse.

KEY-WORDS: Machado de Assis; poetry; Romanticism; transition.

Introdução

Segundo Cláudio Murilo Leal, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, “a consagração de Machado de Assis como o maior prosador da Literatura Brasileira de certa forma contribuiu na injusta valorização de seu legado como poeta” (LEAL, 2008, p.11). Pela observação do crítico pode-se entender que o fato de Machado de Assis ter alcançado seu apogeu na prosa fez com que ele ficasse à margem como poeta, ou seja, sua poesia não foi tão conhecida como a sua prosa. Sem dúvida a prosa machadiana sobrepõe-se à sua poesia; porém isso não torna sua poesia menor, apenas menos conhecida e apreciada pela crítica. Não podemos negar que foi na poesia que Machado

¹ Graduando em Letras pela União das Instituições Educacionais do Estado de São Paulo (UNIESP/Ribeirão Preto), sob orientação do Prof. Dr. Alexandre de Melo Andrade.

encontrou a sua primeira forma para a manifestação de sua literatura, ou melhor dizendo, é na poesia que ele começa sua trajetória literária.

Segundo Mário Curvello, em “Falsete, a poesia de Machado de Assis”: “Foi a poesia que despertou a atenção do público para o artista, ele jamais a abandonou. A poesia está presente em todo momento em que ele se revela o escritor genial, a poesia guarda a expressão mais íntima do criador para com as criaturas” (CURVELLO, 1982, p.477). Já o crítico Antônio Cândido, na apreciação do poeta, ressalta:

Se fosse mau escritor, Machado de Assis teria tido por característica a banalidade, que podemos vislumbrar, como em nenhuma outra parte de sua obra, nas poesias da fase romântica, são bem penteadas e não fazem feio; mas a correção, pelo menos nele, não basta para esconder a falta de originalidade. Há nas *Crisálidas* (1964), uma linha casimiriana menos piegas e também emocional. (CÂNDIDO, II, P.254).

Machado de Assis é um poeta de transição do Romantismo para o Parnasianismo, pois no momento em que ele escreveu sua primeira coletânea, *Crisálidas*, as tendências românticas ainda não tinham sido extintas completamente, talvez seja por isso que Machado de Assis ainda tenha trazido em sua bagagem poética muitas das características românticas. Como poeta, não foi realmente reconhecido como deveria, tanto é que até hoje sua obra poética é pouco estudada e apreciada.

Faremos, então, uma leitura do poema “Visio”, que consta na obra *Crisálidas* (1964), tentando observar pontos de contato com o Romantismo, além de demonstrar aspectos inovadores e originais da obra poética machadiana.

I – Leitura do poema “Visio”

Eras pálida. E os cabelos,
Aéreos, soltos novelos,
Sobre as espáduas caíam...
Os olhos meio cerrados
De volúpia e de ternura
Entre lágrimas luziam...
E os braços entrelaçados,
Como cingindo a ventura,
Ao teu seio me cingiam...

Depois, naquele delírio,
Suave, doce martírio
De pouquíssimos instantes,
Os teus lábios sequiosos,

Frios, trêmulos, trocavam
Os beijos mais delirantes,
E no supremo dos gozos
Ante os anjos se casavam
Nossas almas palpitantes...

Depois... depois a verdade,
A fria realidade,
A solidão, a tristeza;
Daquele sonho desperto,
Olhei... silêncio de morte
Respirava a natureza —
Era a terra, era o deserto,
Fora-se o doce transporte,
Restava a fria certeza.

Desfizera-se a mentira:
Tudo aos meus olhos fugira;
Tu e o teu olhar ardente,
Lábios trêmulos e frios,
O abraço longo e apertado,
O beijo doce e veemente;
Restavam meus desvarios,
E o incessante cuidado,
E a fantasia doente.

E agora te vejo. E fria
Tão outra estás da que eu via
Naquele sonho encantado!
És outra – calma, discreta,
Com o olhar indiferente,
Tão outro do olhar sonhado,
Que a minha alma de poeta
Não vê se a imagem presente
Foi a visão do passado.

Foi, sim, mas visão apenas;
Daquelas visões amenas
Que à mente dos infelizes
Descem vivas e animadas,
Cheias de luz e esperança
E de celestes matizes:
Mas, apenas dissipadas,
Fica uma leve lembrança,
Não ficam outras raízes.

Inda assim, embora sonho,
Mas, sonho doce e risonho,
Desse-me Deus que fingida
Tivesse aquela ventura
Noite por noite, hora a hora,
No que me resta de vida,
Que, já livre da amargura,

Alma, que em dores me chora,
Chorara de agradecida !
(MACHADO, 1962, p.19-20)

Estruturalmente, “Visio” é um poema composto por sete novenas, ao longo do poema são apresentados versos de sete sílabas poéticas (redondilhas maiores); já se percebe aí que Machado de Assis carrega em sua estrutura poética alguns ressaibos dos poetas românticos, pois o uso dessas medidas poéticas (redondilha maior ou menor) é herança medieval muito utilizada pelos poetas românticos e clássicos com a intenção de serem populares.

Os dois primeiros versos de cada estrofe do poema em estudo obedecem ao mesmo esquema de rimas: AA (emparelhadas); já os versos seguintes apresentam o seguinte esquema de rimas: BCDBCDB, que são as chamadas rimas interpoladas. Quanto à posição do acento tônico, o poema apresenta rimas graves em todas as estrofes. Quanto ao aspecto fônico, o poema não apresenta rimas ricas. O poema também apresenta uma diversidade de rimas ricas e pobres quanto ao aspecto gramatical.

Bem ao gosto romântico, o poema é rico em musicalidade, aparecendo várias aliterações em /s/, principalmente na primeira e na segunda estrofe do poema, quando o poeta descreve a musa, como se pode observar na estrofe abaixo:

Eras pálida. E os cabelos
Aéreos, soltos novelos
Sobre as espáduas caíam...
Os olhos meios cerrados

Com o recurso da aliteração, o poeta parece dar ao poema um estado de soltura, leveza, de liberdade, deixando assim o poema mais musical e melodioso. É neste e em outros artifícios que percebemos o quanto Machado de Assis ainda está encravado nas raízes do Romantismo.

Ainda falando da estrutura do poema, podemos constatar que ele é rico em adjetivos, os quais são, na maioria das vezes, atribuídos à amada, caracterizando-a e idealizando-a. É notório um ponto a favor da linguagem subjetiva, pois o uso de adjetivos é típico dessa linguagem, principalmente quando o eu lírico tem a finalidade de idealizar sua musa, e neste poema ela é idealizada bem à moda romântica, uma vez que o eu poético se utiliza de uma linguagem mais subjetiva e sentimental. Sendo assim,

podemos constatar que as poesias machadianas, principalmente nas primeiras composições, são líricas e sentimentais, trilhando assim o caminho da subjetividade, como é o caso do poema que está sendo analisado.

É através da análise da poesia machadiana que iremos observar quais caminhos o poeta percorreu. Claro que o poeta Machado de Assis faz uso de atributos românticos com certa moderação, não chegando àquele sentimentalismo piegas dos românticos que conhecemos. O amor que surge no poema é um amor passageiro, que em instantes se transforma em desilusões amorosas e sofrimentos. A mulher dos sonhos do poeta se mostra outra da qual ele idealizara; ele idealiza uma musa pálida de olhos de “volúpia e ternura”, mas ela é “é fria (...) com olhar indiferente”. É aí, portanto, que surge a desilusão amorosa e até mesmo o pessimismo em relação à vida e ao futuro, que faz com que o eu lírico procure a fuga para o sonho como uma forma de encontrar alívio para a decepção amorosa e o sofrimento. Apesar dos primeiros poemas machadianos terem sido escritos ainda dentro das ressonâncias do Romantismo, o poeta procura empregar uma linguagem culta, como podemos observar no poema “Visio”. Os verbos de ação são empregados no poema indicando bastante dinamismo.

Já no primeiro verso do poema percebe-se a presença de um *enjambement* ligando o primeiro verso ao segundo:

Eras pálidas. E os cabelos
Aéreos, soltos novelos,
[...]

O poema também apresenta figuras de similaridade como, por exemplo, o uso de sinestésias que aparecem no terceiro, quarto e sexto versos da estrofe:

Desfizera-se a mentira:
Tudo dos meus olhos fugira;
Tu e o teu olhar **ardente**
Lábios trêmulos e **frios**,
O abraço longo e apertado.
O beijo **doce** e veemente;
Restavam meus desvarios,
E o incessante cuidado,
E a fantasia doente.

Como se sabe, a linguagem romântica tende à fantasia e à imaginação, e os escritores românticos, na ansiedade e na eloquência de fundir as coisas, utilizam-se das

sinestésias. Então temos mais um aspecto demonstrativo de que o poeta Machado de Assis atém-se a alguns aspectos da estética romântica.

Podemos notar ainda certa assonância em /i/ na estrofe acima, deixando assim o poema mais musical e rítmico; a vogal “i”, por ser a vogal do retraimento, reflete o isolamento do eu poético por se ver afastado da amada.

Pela estrutura do poema, podemos notar que Machado de Assis, já no início de carreira como poeta, apresentava um laborioso trabalho estético na arte de poetar, tudo no poema foi pensando e organizado com muita meticulosidade, para se chegar a um trabalho bem realizado, porém todo esse cuidado não foi o suficiente para impedir que muitas das características românticas estivessem presentes em *Crisálidas*, *Falenas* e *Americanas*.

“Visio” é um poema que tem como tema o amor relâmpago, uma vez que esse amor se transforma em sofrimento e dores, portanto, o eu lírico vê que a amada se mostra completamente diferente da qual ele conhecera antes e que toda sua idealização amorosa em relação à sua musa não passa de uma “fantasia doente”. O lirismo amoroso no poema em análise se expressa na lamentação em face do engano e da desilusão amorosa, por isso e outras razões podemos constatar que “Visio” é um poema marcado por sofrimento amoroso, solidão, tristeza e melancolia; quem passa por todos esses empecilhos que surgem na relação amorosa é o eu lírico quando percebe que sua amada deixa de ser a musa e passa a ser a sua decepção.

“Visio” é realmente um poema que narra as decepções do amor; depois de um sonho ardente e amoroso o eu lírico percebe tristemente que todo aquele momento de amor não passava de um sonho perturbado:

Depois, naquele delírio
Suave, doce martírio
De pouquíssimos instantes,
Os teus lábios sequiosos
Frios, trêmulos, trocavam
Os beijos mais delirantes
E no supremo dos gozos
Ante os anjos se casavam
Nossas almas palpitantes...

Nessa estrofe percebe-se um amor que foi consumado, sendo assim é notável que a partir desse momento a musa que inspira o eu poético deixa de ser idealizada e passa a ser corpórea. No sétimo verso da estrofe acima, chega-se a fazer certa referência

a um prazer amoroso, ou melhor, a um orgasmo, como afirma Manuel Bandeira: “[...] é a mais pura nota sexual de toda a obra do escritor” (BANDEIRA, 1939, p.12).

Portanto, é um amor que parece ser consumado apenas no sonho do eu lírico, pois o sonho surge neste poema como uma ponte para alcançar a mulher amada, mas também o sonho aparece no poema como um despertar, ou melhor, dizendo, uma fuga para a realidade, uma vez que após o devaneio, vem à tona a verdade, a realidade.

O eu poético apresenta-se inquieto, meio que perdido à procura de uma razão, um motivo para viver, existir, esses elementos ele busca em sua amada, mas só encontra:

A fria realidade
A solidão [...]
[...]
Fora-se o doce transporte
Restava a fria certeza.

Terminados os momentos de amor, sonho e encanto, o amante vê a amada como “uma visão apenas”, e o que um dia foi ilusão se transforma em “fria realidade”. É como se do sonho amoroso o eu lírico acordasse para a realidade, pois a musa se revela outra completamente diferente da qual ele idealizara. A mulher amada é fria e indiferente, então o poeta prefere o “sonho doce e risonho”. Pelo menos aqui neste poema já se percebe o perfil da mulher machadiana, que mais tarde seria tratada na sua prosa, principalmente em *Dom Casmurro*, onde surge a figura da Capitu, personagem enigmática, dissimulada e fria.

O eu poético cria um jogo de oposição: sonho x realidade. É através do sonho que os amantes se encontram, chegando “ao supremo dos gozos”, mas o eu lírico desperta do sonho enxergando a “certeza”, uma vez que tudo não passa de um sonho, de uma “mentira”. Quando o eu lírico sai do estado de devaneio, a amada já não está mais ali ao seu lado, restando apenas seus “desvarios” e a “fantasia doente”, então o amante passa a ver a amada “fria”, diferente daquela que ele viu no sonho mágico. Desse amor resta apenas “leve lembrança”, “não ficam outras raízes”. O eu poético se sente livre da “amargura”, do amor fingido, a alma dele parece agradecer por agora estar livre desse amor fantasioso. Realmente o poeta acorda para a realidade das coisas, consciente de que amor não são apenas sonhos, mas também verdade, realidade. A partir do momento que o eu poético sai do mundo do devaneio e se insere no mundo real, de alguma forma

o poeta Machado de Assis já começaria a pender para a razão das coisas, o que mais tarde se confirmaria em seus romances e contos.

Em alguns momentos, o poema apresenta características da narração, isso é visível quando o poeta faz, logo no início do poema, uma descrição da amada, sinalizando os sentimentos de ternura e paixão que envolvem os amantes, depois a experiência do amor que o eu poético classifica como “delírio” e “doce martírio”; nesse último par de palavras é de se observar um paradoxo, pois como algo pode ser doce e ao mesmo tempo martírio? Bem, como também é de se observar, o modo como o poeta escreve é raciocinado, visionando ao jogo de palavras e ao que elas podem expressar. O poema, por apresentar, em determinados momentos, artifícios da narração, chega a ser narrativo, o que é um recurso bem comum na poesia machadiana; contudo, essa é uma característica muito explorada pelos poetas românticos.

Fica claro que o advérbio de tempo ‘depois’ tem como função separar a fantasia da realidade, fantasia que é criada quando o eu lírico está sonhando. Já o advérbio de tempo ‘agora’ indica o tempo percorrido, uma vez que a aparência desaparece para deixar aparecer a verdadeira imagem da amada, que é visível no passado, prevalecendo a visão do eu poético sobre a fantasia. Já no presente, o eu poético se dá conta de que tudo não passa de uma ilusão, por isso se sente desiludido da relação amorosa. O sofrimento é inserido aqui pelo sonho como uma saída para amenizar o sofrimento do eu lírico, a amada consegue fingir até no sonho dele:

Inda assim, embora sonho,
Mas, sonho doce e risonho,
Desse-me Deus que fingida
Tivesse aquela ventura
Noite por noite, hora a hora,
No que me resta de vida,
Que, já livre da amargura,
Alma, que em dores me chora,
Chorara de agradecida!

O amor que surge em “Visio” brota de um sonho, amor esse que dura muito pouco e só parece restar o sofrimento, a “amargura”, sendo assim o eu lírico encontra no sonho ou na fuga o antídoto para o seu amor não resolvido, ou melhor, não correspondido.

Se observarmos os seguintes pares de palavras: “lábios sequiosos”, “supremo dos gozos”, “fria realidade”, “silêncio de morte”, “olhar ardente”, “olhar ardente”,

“abraço longo”, “beijo doce” “fantasia doente”, “olhar indiferente”, “leve lembrança”, perceberemos que a linguagem que o poeta usa caminha rumo à subjetividade, ao devaneio, características das quais Machado de Assis poeta não consegue fugir integralmente; então, de algum modo ele carrega em sua bagagem poética muito dos preceitos românticos. Ainda através dos pares de palavras citados no início do parágrafo, podemos concluir que de certa forma o eu lírico está querendo expor o seu momento de aflição, de dor e sofrimento por não ter sido correspondido.

Segundo Claudio Murilo Leal, “Imagens destituídas da preocupação com a inventividade da linguagem poética levam à mesmice, ao *dejá vu* em alguns versos de Machado de Assis” (2008, p. 99).

“Visio” é um poema de aspecto narrativo e, por suas características estéticas, podemos dizer que é lírico de índole romântica, uma vez que o eu poético exprime seus sofrimentos e lamentações. O poema ainda apresenta alguns aspectos do mundo dramático; ele é desenvolvido num monólogo, onde aparece um personagem que está fora da cena e se faz presente através da memória do eu poético, quando ele está em estado de devaneio; é aí que o eu poético desperta do sonho e se injeta na realidade. Ao longo do poema é desenvolvido um sentimento de perda e lamentações, então como não dizer que nesse poema o ponto de partida é o “eu” mais profundo que está em jogo? Contudo, esse jogo é invertido quando temos o despertar do eu lírico.

Esse jogo dramático acontece neste poema, assim como em outros poemas machadianos como, por exemplo, *A grande injúria*, *Uma ode de Anacreonte*, *O Almada*, *Camões*, *A Mosca Azul*, *Círculo vicioso*, esses três últimos incluídos nas *Ocidentais*, e a maioria dos poemas publicados na coletânea *Falenas*, onde Machado de Assis funde o lírico com o dramático, sendo essa uma característica marcante em sua poesia. Vejamos o que Cláudio Murilo Leal pensa a respeito disso: “Machado transita do lírico na direção do dramático, é possível afirmar que os procedimentos da narração e do drama podem se encontrados na maioria dos poemas de Machado de Assis” (LEAL, 2008 p. 99 /100).

Muitos dos poemas, principalmente das coletâneas *Crisálidas* e *Falenas*, não só no plano do conteúdo, mas também no plano da forma, carregam aspectos da estética do Romantismo, e isso, sem sombras de dúvidas, é desencadeado no poema “Visio”, pois esse poema carrega uma intensa carga de emoção e de subjetividade, além de outros procedimentos da estética romântica, de que nem a admirada inteligência do Machado

de Assis, ainda em formação, consegue escapar, como se pode constatar na estrofe abaixo:

Tudo aos meus olhos fugira,
Tu e o teu olhar ardente,
Lábios trêmulos e frios,
O abraço longo e apertado,
O beijo doce e veemente;
Restavam meus desvarios,
E o incessante cuidado,
E a fantasia doente.

É notório o vocabulário romântico: “palidez”, “olhos cerrados”, “volúpia”, “lágrimas”, “delírio”, “lábios sequiosos”, “anjos”, “solidão”, “sonho doce”, “beijo”, “lábios trêmulos” etc. Com o uso dessas palavras dá para se notar a frequência com que o poeta caminha rumo à subjetividade, sem contar, como já foi dito anteriormente, que este poema desenvolve certo erotismo, lembrando assim o poeta Álvares de Azevedo em certos momentos.

Em *Crisálidas*, especialmente no poema “Visio”, a expressão lírica baseia-se na mágoa e na frustração amorosa. Já em *Falenas*, o poeta celebra a felicidade de amar e ser amado, isso mais explícito no poema “Versos a Corina”. Claro que o poema também é recheado de decepções amorosas, uma vez que o eu lírico não tem seu amor correspondido, mas esse poema merece uma análise à parte, que será feita mais adiante.

Em “Visio”, desenrola-se uma paixão que não resistiu ao tempo, pois quando o poeta acorda do sonho, vê a mulher como “uma visão apenas”, e o que um dia foi ilusão se transforma em “fria realidade”. No poema, a mulher aparece como sublime e celestial, sendo ao mesmo tempo sedutora nos sonhos do eu poético; o sonho seria a ponte que leva o eu lírico ao encontro de sua amada.

A qualidade dos poemas machadianos, principalmente os incluídos em *Ocidentais*, onde ele atinge o ponto máximo de sua obra poética, deixa evidenciada que as obras em verso sejam reconhecidas como uma importante contribuição à história da poesia brasileira, apesar de uma boa parte da crítica literária ter se mostrado de certa forma omissa no reconhecimento da importância da poesia machadiana. Não há como negar que as primeiras produções poéticas machadianas foram influenciadas por algumas manifestações do Romantismo e que são de um tom que parte mais para o lado

confessional e lírico; essas manifestações românticas são mais frequentes em *Crisálidas* e *Falenas*.

Referências

ASSIS, M. de. *Crisálidas*. In:_____. **Obra Completa**. Rio de Janeiro. Editora: José Aguilar, 1962. p. 19-20.

BANDEIRA, M. O poeta. In:_____. **Obra completa: Poesia**. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: J. Aguilar, 1962 (v. III). p. 12.

MASSA, J. M. **A juventude de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1971. p. 254.

CURVELLO, M. Falsete à poesia de Machado de Assis. In: BOSI, A., et al. (Org.). **Machado de Assis**. São Paulo: Ática, 1982. p. 477.

LEAL, C. M. **O círculo virtuoso: A poesia de Machado de Assis**. Brasília: Editora Ludens, 2008. p. 11-99-100.